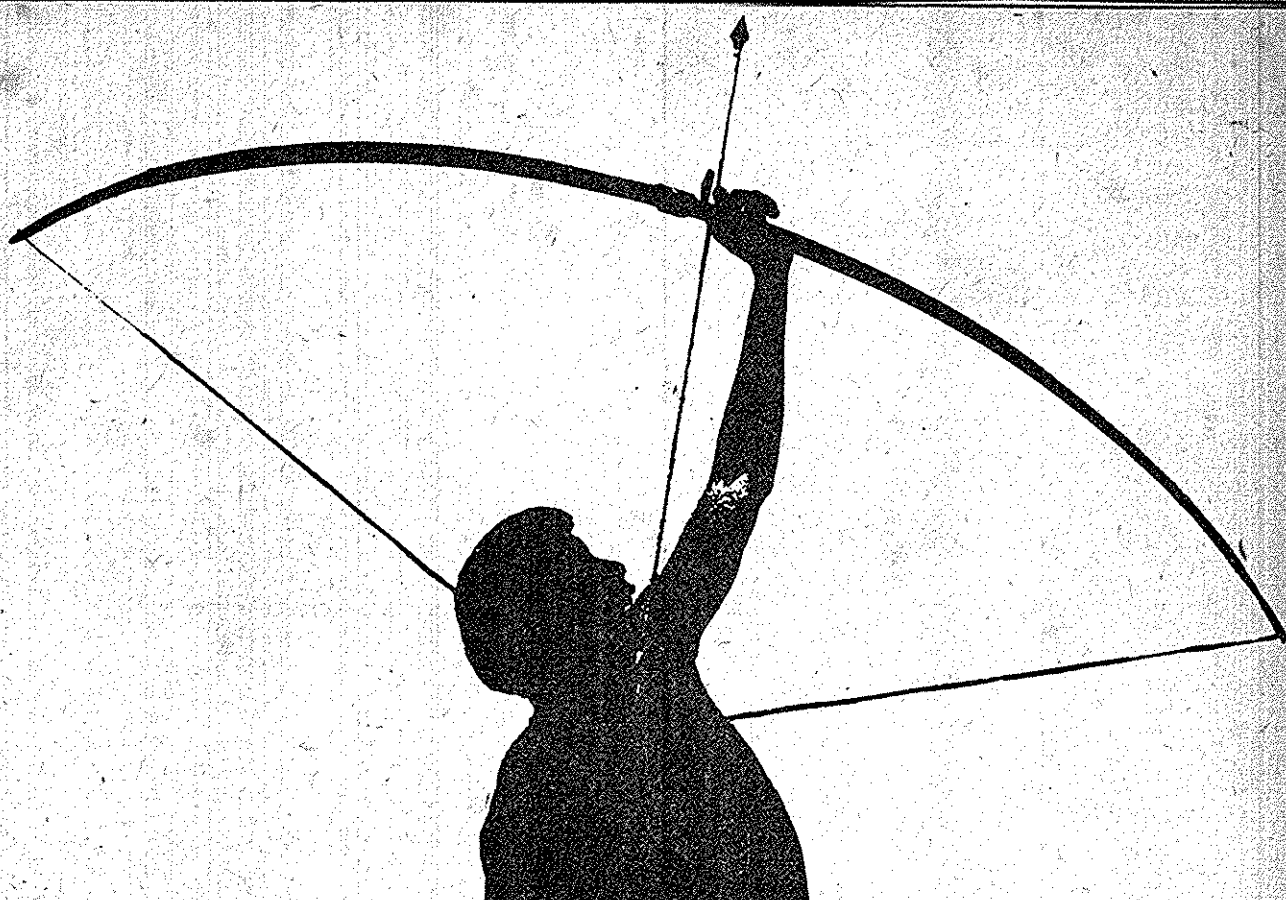




Antonio Cotrim Neto, após dez anos de trabalho com os índios, chegou à conclusão de que tudo o que fez foi perdido. Pediu demissão da FUNAI e denunciou várias irregularidades, para tentar salvar o que resta dos índios.

A revolta branca dos índios

Texto de João Vitor Strauss



Muitos índios morrem após o contato com os brancos.



A FUNAI modifica os costumes indígenas.

CAUSA DA DEMISSÃO DE COTRIM: A FUNAI.

Quase dez anos depois, Antonio Cotrim Neto, o sertanista, se pergunta: para que serviu tanto tempo dedicado aos índios? chega a uma conclusão amarga: Para nada.

Demissionário da FUNAI, onde trabalhava, e na qual chegou a acreditar, durante algum tempo, ele está agora em Brasília, contando parte do que sabe e condena. A decisão foi tomada sem muitas ilusões:

— Sei que estou bancando o Dom Quixote. Não vai adiantar nada falar. Mas alguém tinha de tentar. Era preciso que alguém se dispusesse a oferecer a própria cabeça.

Mesmo sem esperanças, Cotrim, alagoano, 31 anos, quase dez trabalhando junto aos índios, gostaria que sua demissão e suas revelações criassem condições para o salvamento do que resta da população indígena do País.

Só um movimento de opinião, acredita ele, poderia modificar a forma de aplicação da política oficial sobre os índios, arrancando a FUNAI da passividade em que se encontra. Cotrim sabe que os tempos são outros, mas assim mesmo argumenta com uma comparação: em 1910, foi também um movimento de opinião que acabou criando o extinto SPI — Serviço de Proteção ao Índio.

ERROS DA FUNAI

A política oficial, como está no papel — isto é, segundo Cotrim, como está no Estatuto da FUNAI — não é errada. "São princípios compatíveis com os interesses e aspirações do índio".

Resumindo, esses princípios são os seguintes: processo de integração progressivo e dirigido pela FUNAI, sem que a civilização entre em choque com os valores culturais dos índios; preservação dos territórios que os índios consideram como seus: assistência médica, sanitária e educacional eficientes. Cotrim argumenta, porém, que entre a teoria e a prática vai uma grande distância. O trabalho da FUNAI, diz ele, é sempre "emergencial". Isto é: a entidade geralmente só se movimenta quando o problema já existe.

Na parte de assistência médica ao índio, por exemplo, segundo Cotrim, a vacinação deveria, sempre, ser feita dentro do espírito de prevenção da doença. Embora isso esteja ocorrendo em alguns casos, a FUNAI, normalmente, só parte para a vacinação dos índios quando há iminência de epidemia. Isto é: quando uma parte da tribo já morreu e o resto está ameaçado de contrair a mesma doença.

FALTAM MÉTODOS

Na educação do índio, afirma Cotrim, ocorre a mesma coisa. A FUNAI nunca se preocupou em elaborar um método pedagógico próprio, adequado para ensinar o índio. O sistema de alfabetização que utiliza é o mesmo dos brancos. As professoras de que dispõe são leigas. "Culturalmente, esse ensino é inviável".

— A FUNAI — afirma Cotrim — nunca se preocupou em preparar um grupo próprio de linguistas, que ensinassem índios a serem instrutores ou professores de seus companheiros de tribo. Fez, no entanto, um convênio com o SUMMER — instituto linguístico canadense — para cuidar da instrução dos índios. O SUMMER, porém, diz Cotrim, não serve porque não tem interesse estritamente educacional. Como é controlado por missionários protestantes, junto com a alfabetização vem a doutrinação religiosa, que no processo de integração do índio violenta sua cultura, provocando-lhe graves problemas psicológicos.

Cotrim começou sua experiência de indianista ainda no tempo do Serviço de Proteção ao Índio — SPI —. Comenta que era uma "estrutura podre e viciada". Cansou-se de verificar as consequências desastrosas que isso trazia para os índios.

Quando o SPI, envolvido por vários escândalos, foi extinto e substituído, em 1968, pela Fundação Nacional do Índio — FUNAI — Cotrim encheu-se de esperança. Acreditava que a nova entidade pudesse tratar do problema indígena adequadamente.

Mas Cotrim aos poucos foi perdendo as ilusões. A FUNAI não representava grande progresso em relação ao SPI. Em quatro anos trabalhando lá, Cotrim continuou assistindo ao problema índio ser tratado inadequadamente.

Viu o desaparecimento quase total de grupos inteiros por incompetência ou omissão da FUNAI. Assistiu à integração de vários grupos ser feita pela violentação dos seus padrões culturais, tornando os índios ainda mais pobres e vulneráveis do que antes do contato com o branco.

Verificou a cumplicidade da FUNAI com interesses de grupos econômicos — interesses conflitantes com os interesses dos índios. Cansou-se de mandar relatórios — às vezes rudes e irreverentes — à direção da FUNAI — sempre sem resultados práticos.

Enquanto achou que podia prosseguir, Cotrim foi trabalhando na FUNAI. Dentro da organização, porém, sempre foi coerente com suas posições. Nunca aceitou uma tarefa que implicasse em impor aos índios situações a que era contrário. Por isso, por exemplo, nunca aceitou chefias de Postos Indígenas. Nesse cargo, seria apenas o administrador da produção dos índios. E ele, no íntimo, deplora que se force o índio a entrar no mecanismo da economia de mercado.

Preferiu, sempre, os trabalhos de campo. Entrar pela selva e fazer contatos com índios. Assim tinha mais liberdade. Não ficava sob o controle próximo de burocratas, na maioria das vezes inexperientes e incompetentes. No mato, ele podia ficar entre os índios como um igual. Prepará-los melhor para o choque do processo de integração à sociedade branca. Torná-los menos indefesos.

Por fim, cansou-se. Acabou admitindo que seu trabalho não tinha mais qualquer sentido. Cada grupo indígena que encontrava, fatalmente iria ter, após receber assistência da FUNAI, o mesmo fim dos outros grupos que conhecera durante esses dez anos de vida na selva: desagregação social e cultural, doença e morte.

DENÚNCIAS, PARA SALVAR O ÍNDIO

Desiludido, tomou uma decisão difícil: demitir-se da FUNAI e denunciar os erros que conhece; como tentativa de mudar a situação. A solução, segundo Cotrim, deveria começar pela extinção da FUNAI. Ele acha impossível a subordinação de um órgão desses a qualquer Ministério. Motivo: a vulnerabilidade do órgão — considerado como defensor dos interesses do índio — a influências conflitantes, originadas em outras áreas do próprio Ministério.

No caso da FUNAI, que é subordinada ao Ministério do Interior, essas pressões vem das áreas encarregadas da implantação de empreendimentos da SUDAM, outro órgão subordinado ao mesmo Ministério. Para a implantação dos empreendimentos, é necessário tirar os índios da terra.

Por isso, Cotrim sugere a substituição da FUNAI por um organismo — um Instituto — diretamente subordinado à Presidência da República. As interferências externas, dessa forma, seriam mais difíceis. O Instituto, além disso, não deveria se dedicar apenas ao índio. Deveria ser o que Cotrim chama de "entidade preservacionista".

Isto é, deveria ter atribuições mais amplas, que incluíssem tanto a preservação do meio ambiente (reservas naturais, com sua flora e fauna) quanto o livre desenvolvimento das sociedades primitivas, ou seja, dos índios. O Instituto deveria, por isso, absorver o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

Antes de mais nada, argumenta Cotrim, o Instituto deveria ter um plano diretor, definir uma filosofia de trabalho, coisas que a FUNAI nunca fez. Para tratar do índio, o Instituto deveria ter quadros técnicos altamente disciplinados, que trabalhassem rigidamente dentro da filosofia do Plano Diretor. Assim, por exemplo, um grupo indígena só seria mudado de lugar, se necessário, depois de um amplo e minucioso estudo de seu meio ambiente, seus hábitos, sua cultura, sua biologia, sua sociedade.

— Ao índio — diz Cotrim — deve ser dada uma participação nesse trabalho. Não podemos subestimá-lo. Ele tem direito e condições de dar sua opinião, sua contribuição, sobre seu próprio destino. O índio tem profundo conhecimento da farmacopéia natural, de toda a fauna de sua área. Com sua experiência, seu conhecimento, pode contribuir na formulação de uma linha de desenvolvimento de sua área. Nós não podemos simplesmente impor a eles a regra do jogo, do nosso jogo.